

Católicos calisténicos e laicos apavorados

Quando se fala das grandes transformações espirituais que assinalaram o fim do século XX, cita-se de imediato a crise das ideologias, que é inegável, e confundiu as tradicionais distinções entre direita e esquerda. Há que perguntar, porém, se a queda do muro de Berlim foi a causa do colapso ou apenas uma das suas conseqüências.

Pensemos na ciência: aí pretendia-se uma ideologia neutra, ideal de progresso comum quer para liberais, quer para socialistas (mudava apenas a ideia de como este progresso deveria ser gerido, a favor de quem, e continua ainda exemplar o Manifesto Comunista de 1848, que tecia o elogio encantado das conquistas capitalistas para concluir com um deprimido «e agora somos nós que queremos estas coisas»). Era progressista quem confiava no desenvolvimento tecnológico e reaccionário quem pregava o regresso à Tradição e à Natureza incontaminada das origens. Os casos de «revolução às avessas», como o dos ludistas, que procuravam destruir as máquinas, eram episódios marginais. Não incidiam a fundo nesta divisão nítida entre as duas perspectivas.

A divisão começou a ficar comprometida em 68, quando se confundiam estalinistas enamorados do aço e filhos das flores, operaístas que esperavam da automatização a recusa do trabalho e profetas da libertação através das drogas de Don Juan. Foi quebrada no momento em que o populismo terceiro-mundista se tornou bandeira comum quer para a extrema-esquerda, quer para a extrema-direita, e agora encontramos-nos perante movimentos do tipo Seattle, onde se encontram neo-ludistas, ambientalistas radicais, ex-operaístas, *lumpen* e figuras proeminentes, na recusa da clonagem, do Big Mac, do transgénico e do nuclear.

Uma transformação não menor realizou-se na oposição entre mundo religioso e mundo laico. Desde há milénios que se associava ao espírito religioso a desconfiança em relação ao progresso, a recusa

do mundo, a intransigência doutrinal; pelo contrário, o mundo laico vivia com optimismo a transformação da Natureza, a ductilidade dos princípios éticos, a redescoberta afectuosa de «outras» religiões e de pensamentos selvagens.

Certamente não faltavam, entre os crentes, os apelos às «realidades terrenas», à história como marcha para a redenção (pense-se em Teilhard de Chardin), enquanto abundavam os laicos «apocalípticos», as utopias negativas de Orwell e de Huxley, ou aquela ficção científica que nos perspectivava os horrores de um futuro dominado por uma horrenda racionalidade científica. Mas, no fim de contas, cabia à pregação religiosa chamar-nos para o momento final dos Novíssimos e à laica celebrar os seus hinos à locomotiva.

O recente congresso dos *papa boys* mostra-nos, pelo contrário, o momento final da transformação realizada por Wojtyla: uma massa de jovens que aceitam a fé mas, a julgar pelas respostas que davam por estes dias a quem os entrevistava, estão muito longe das nevroses fundamentalistas, dispostos a transigir no que diz respeito às relação pré-matrimoniais, aos contraceptivos, alguns inclusivamente à droga, todos no que diz respeito à discoteca; enquanto o mundo laico chora por causa da poluição sonora, de um espírito New Age que parece unir neo-revolucionários, seguidores de monsenhor Milingo e sibaritas dedicados a massagens orientais.

Estamos apenas no início, mas havemos de ver das boas.

2000

Mas na verdade inventámos assim tanto?

O anúncio apareceu provavelmente na Internet, mas não sei onde, porque me foi enviado através do correio electrónico. É uma pseudo-proposta comercial que publicita uma novidade, o Built-in Orderly Organized Knowledge, cuja sigla dá BOOK, ou seja, livro.

Nada de fios, nada de bateria, nenhum circuito eléctrico, nenhum interruptor ou botão, é compacto e portátil, pode ser usado mesmo quando sentados em frente da lareira. É constituído por uma sequência de folhas numeradas (de papel reciclável), cada uma das quais contém milhares de bits de informações. Estas folhas são mantidas juntas na sua sequência correcta por um elegante estojo chamado encadernação.

Cada página é digitalizada opticamente e a informação é directamente registada no cérebro. Há um comando «browse» que permite passar de uma página a outra, tanto para a frente como para trás, apenas com um toque do dedo. Uma utility chamada «índice» permite encontrar instantaneamente o assunto pretendido na página certa. Pode-se comprar um opcional chamado «marcador de livro», que permite voltar a onde nos detivéramos a primeira vez, mesmo que o BOOK tenha sido fechado.

O anúncio termina com várias outras explicações acerca deste instrumento tremendamente inovador e anuncia também que foi posto à venda o Portable Erasable-Nib Cryptic Intercommunication Stylus, PENCIL (isto é, lápis). Não se trata apenas de uma bela peça humorística, é também a resposta às muitas perguntas angustiadas sobre o possível fim do livro face ao avanço do computador.

Existem numerosos objectos que, desde que foram inventados, não são ulteriormente aperfeiçoáveis, como o copo, a colher, o martelo. Quando Philip Stark quis mudar a forma do espremedor, produziu um objecto belíssimo que, no entanto, deixa cair os caroços no copo, enquanto o espremedor clássico os retém com a polpa. No outro dia, na aula, irritei-me ao encontrar uma máquina electrónica caríssima que projecta mal as imagens: o velho retroprojector, para não falar do antigo epidiascópio, projecta-as melhor.

À medida que o século xx caminha para o fim, seria de nos perguntarmos se verdadeiramente, nestes cem anos, inventámos de facto muitas coisas novas. Todas as coisas que usamos quotidianamente foram inventadas no século xix. Enumero algumas: o comboio (mas a máquina a vapor é do século anterior), o automóvel (com a indústria do petróleo que pressupõe), os navios a vapor com propulsão a hélice, a arquitectura em cimento armado e o arranha-céus, o submarino, as vias férreas subterrâneas, o dínamo, a turbina, o motor Diesel a nafta, o aeroplano (a experiência definitiva dos irmãos Wright terá lugar três anos depois do fim do século), a máquina de escrever, o gramofone, o dictafone, a máquina de costura, o frigorífico e os alimentos enlatados, o leite pasteurizado, o isqueiro (e o cigarro), as fechaduras de segurança Yale, o elevador, a máquina de lavar, o ferro de passar eléctrico, a esferográfica, a borracha para apagar, o mata-borrão, o selo, o correio pneumático, o water closet, a campainha eléctrica, a ventoinha, o aspirador (1901), a lâmina de barbear, as camas de abrir e fechar, a cadeira de barbeiro e a cadeira giratória para o escritório, o fósforo de fricção e os fósforos de segurança, o impermeável, o fecho de correr, o alfinete de segurança, as bebidas com gás, a bicicleta com coberta e a

câmara de ar, as rodas com raios de aço e transmissão com corrente, o autocarro, o eléctrico, a via férrea sobrelevada, o celofane, a celuloide, as fibras artificiais, os grandes armazéns para vender todas estas coisas e — se permitem — a iluminação eléctrica, o telefone, o telégrafo, a rádio, a fotografia e o cinema. Babbage inventa uma máquina calculadora capaz de fazer sessenta e seis adições por minuto e estamos, portanto, a caminho do computador.

É certo, o nosso século deu-nos a electrónica, a penicilina e tantos outros fármacos que nos prolongaram a vida, as matérias plásticas, a fusão nuclear, a televisão e a navegação espacial. Talvez me escape alguma outra coisa, mas é bem verdade que as esferográficas e os relógios mais caros, hoje, procuram reproduzir os modelos clássicos de há cem anos, e numa velha *Bustina* observava que o último aperfeiçoamento no campo das comunicações — que é a Internet — supera a telegrafia sem fios inventada por Marconi com uma telegrafia com fios, ou seja, assinala o retorno (às avessas) da rádio ao telefone.

Em relação, pelo menos, a duas invenções típicas do nosso século, as matérias plásticas e a fusão nuclear, está-se a tentar desinventá-las, porque nos apercebemos de que contaminam o planeta. O progresso não consiste necessariamente no avançar a todo o custo. Pedi para reaver o meu retroprojector.

2000

Para trás a toda a força!

Numa velha *Bustina* advertira que estamos a assistir a um interessante retrocesso tecnológico. Antes de mais, tinha-se conseguido controlar a influência perturbadora do televisor graças ao telecomando, com que o espectador podia operar o zapping, entrando assim numa fase de liberdade criativa, dita «fase de Blob». A libertação definitiva da televisão dera-se com o videogravador, com que se realizava a evolução para o cinematógrafo. Além disso, com o telecomando podia-se pôr o som a zero, regressando aos fastos do filme mudo. Entretanto, a Internet, impondo uma comunicação eminentemente alfabética, liquidara a temida Civilização das Imagens. Neste ponto, podiam-se inclusive eliminar as imagens, inventando uma espécie de caixa que emitisse apenas sons e que não requeresse sequer o telecomando. Eu

julgava então que gozava, ao imaginar a descoberta da rádio, mas (evidentemente inspirado por um nune) vaticinava a chegada do iPod.

Enfim, o último estádio fora alcançado quando, com as transmissões via éter, com as pay-TV, se deu início à nova era da transmissão via cabo telefónico, passando da telegrafia sem fios à telefonia com fios, fase completamente realizada pela Internet, superando Marconi e regressando a Meucci.

Retomei esta minha teoria da marcha ao contrário no meu livro *A Passo de Caranguejo*, onde aplicava estes princípios também à vida política (e, por outro lado, numa *Bustina* recente, observei que estamos a voltar às noites de 1944, com patrulhas militares pelas ruas, e crianças e professores de uniforme). Mas aconteceu mais.

Quem teve de comprar recentemente um novo computador (ficam obsoletos em três anos), deu-se conta de que podia encontrar apenas aqueles já com o Windows Vista instalado. Ora, basta ler nos vários blogs da Internet o que pensam os utilizadores do Vista (não me arisco a referi-lo para não acabar em tribunal) e o que te dizem os amigos caídos naquela armadilha, para se assumir o propósito (porventura errado, mas inflexível) de não comprar um computador com Vista. Mas, se querem uma máquina actualizada de proporções razoáveis, têm de gramar o Vista. Ou então, retrocedam para um clone do tamanho de um TIR, montado por um vendedor voluntarioso, que instala ainda o Windows XP e anteriores. Assim, a vossa secretária parece um laboratório Olivetti com o Elea de 1959.

Creio que os produtores de computadores se aperceberam de que as vendas diminuem sensivelmente porque o utilizador, para não ter o Vista, renuncia a renovar o computador. E então, o que sucedeu? Para o compreender têm de ir à Internet e procurar «Vista downgrading», ou similar. Ali, é-vos explicado que, se compraram um novo computador com Vista, pagando aquilo que custa, desembolsando uma soma adicional (e não tão facilmente assim, mas passando por um procedimento que me recusei a compreender), depois de muitas aventuras, podem ter de novo a possibilidade de usufruir do Windows XP, ou anteriores.

Quem usa o computador sabe o que é o *upgrading*, é uma coisa que te permite actualizar o teu programa até ao mais recente aperfeiçoamento. Por consequência, o *downgrading* é a possibilidade de voltar a levar o teu computador, avançadíssimo, até à feliz condição dos programas mais antigos. Pagando. Antes que na Internet se inventasse este belíssimo neologismo, num dicionário normal inglês-português, encontrava-se que *downgrading*, como substantivo, significa declínio